

Escala das atividades de hábitos de lazer em jovens: modelagem de equação estrutural em diferentes contextos brasileiros

Nilton S. Formiga

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa, PB – Brasil

Taís Nicoletti Bonato

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Porto Alegre, RS – Brasil

Jorge Castellá Sarriera

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre, RS – Brasil

Resumo

O presente estudo pretende avaliar, considerando indicadores psicométricos mais robustos, a estrutura da escala das atividades dos hábitos de lazer. Para isso, efetuou-se uma *Análise Fatorial Confirmatória (AFC)* e uma análise do Modelo de Equação Estrutural (SEM) a partir do *AMOS GRAFICS* (versão 7.0). Três amostras, em diferentes cidades do Brasil, compuseram o estudo; em todas, jovens masculinos e femininos, do nível fundamental e médio, entre 13 e 21 anos de idade responderam a escala das atividades de hábitos de lazer. A aplicação do instrumento foi coletiva, nas salas de aula, a partir da autorização da direção da escola e dos professores. Observou-se que a escala em questão apresentou os fatores (hábitos hedonistas, lúdicos e instrutivos) já encontrados em estudo anterior, revelando critério psicométrico capaz de garantir a consistência e estrutura interna da escala nas três amostras.

Palavras-chave: Escala, Lazer, Jovens, Consistência.

Scale of the habits of leisure activities: structural equation modeling in three cities in Brazil

Abstract

This study aimed to evaluate the structure of scale of the habits of leisure activities from more robust psychometrics indicators. For that, a Confirmatory Factorial Analysis (AFC) and an analysis of the Structural Equation Model (SEM) from AMOS GRAFICS (version 7.0) were made. Three samples from different cities of the Brazilian participated in the study; in all of the studies, the scale of the habits of leisure activities was applied to young male and female students, from middle school up to high school, aged between 13 and 21 years old. The application of the instrument was collective, in classrooms, with the permission of the school board and teachers. It was observed that the scale showed the three factors (Hedonistic habits, playful and instructive) already found in the exploratory study, showing a rather more robust and reliable psychometric criteria, capable of ensuring the consistency and internal structure of the scale in the three samples.

Keywords: Scale, Leisure, Young people, Consistence.

Endereço para correspondência: Nilton S. Formiga. Rua Juiz Ovídio Gouveia, 349. Pedro Gondim. João Pessoa – PB. CEP: 58031-030. E-mail: nsformiga@yahoo.com.

Durante o desenvolvimento deste estudo, o autor contou com a bolsa de produtividade do CNPq, instituição a qual agradece.

Sobre os autores:

Nilton S. Formiga – Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba; atualmente é doutorando na mesma Universidade.

Taís Nicoletti Bonato – Mestre em Psicologia Social e da Personalidade pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, orientanda do terceiro autor. Atualmente, é Oficial Militar do Exército Brasileiro e é psicóloga na Policlínica Militar de Porto Alegre.

Jorge Castellá Sarriera – Doutor em Psicologia Social pela Universidade Autônoma de Madrid e Pós-doutor pela Universidade de Barcelona e pela Universidade de São Francisco (CA-USA) em Psicologia Comunitária. Professor adjunto no Instituto de Psicologia da UFRGS.

Introdução

A diversão na dinâmica juvenil tem uma função de sociabilidade e de bem-estar psicológico e social. Trata-se de um fenômeno que pode ser encontrado em muitos espaços institucionais especializados ou leigos na sociedade contemporânea, por exemplo: na escola, na família, nos clubes de recreação, nas empresas, nos bairros, nas organizações comunitárias, etc. Porém, as atuais condições sociais, culturais e urbanas têm feito com que os especialistas das diversas áreas científicas avaliem a forma e a função da diversão e sua influência na conduta juvenil.

Pelo menos no Brasil, da atividade mais comum de diversão (no caso do esporte, especificamente, o futebol) à mais tecnológica (jogos eletrônicos e etc.) surge um questionamento: qual a contribuição desses tipos de lazer para a construção e organização de fatores psicológicos, sociais e interpessoais na vida dos jovens? A razão para haver essa questão é que os tipos e o tempo para os momentos da diversão têm se mostrado como uma ocupação por boa parte dos jovens, mas também, têm conduzido os pais e os professores a uma insatisfação quanto ao espaço e à forma de lazer vivido pelos jovens. Afinal, para esses grupos socionormativos (pais e professores), o significado, o sentido e o espaço para o lazer parecem não convergirem para o objetivo e a motivação desejados por cada um deles.

Nos últimos anos, pode-se acompanhar, na mídia em geral, uma quantidade de comportamentos de diversão que vem se caracterizando como a quebra das normas sociais e de risco a vida interpessoal dos jovens e das pessoas do seu entorno. Se por um lado, pais e professores buscam a não contrariedade e institucionalização do limite e formação das regras de conduta social, por outro, os jovens sentem-se não suficientemente satisfeitos com o tempo, o tipo e a intensidade da diversão, geralmente, justificando que a não realização traz para eles um sentimento de não estar livre o bastante para buscar o prazer e a sensação “real” do divertimento, já que isto parece ser, na concepção dos jovens, algo próprio da sua idade: arriscar-se, testar-se, desrespeitar, experimento “tudo”.

A ocupação do jovem com algo, social ou afetivo, na sua dinâmica interpessoal pressupõe que ele tenha a satisfação com o que está

fazendo. Neste caso, ao enfatizar o lazer e a dedicação a essa atividade, sabe-se que cada pessoa terá uma maneira de passar seu tempo livre, principalmente, quando já se cumpriram os seus afazeres e compromissos cotidianos, podendo assim, ser uma meta que a pessoa pretende atender em suas necessidades básicas de repouso, diversão ou de enriquecimento intelectual e cultural (Leite, 1995; Werneck, 2000).

Na formação de um hábito de lazer, é possível que este hábito oriente o indivíduo a certas atividades de diversão diferenciadas, as quais podem ir da leitura, passeio com amigos, visitas familiares ao uso – e talvez, ao abuso – de drogas lícitas (bebidas, cigarros, etc.), para que isto se torne eficiente em relação à socialização e inibição de conflitos tanto com seus grupos de identificação (pais, familiares, professores e amigos, etc.) quanto consigo mesmo, é necessário que estas atividades possam promover um reconhecimento no que diz respeito à aceitação e à prática social na escolha para diversão ideal e real desses jovens (Argyle, 1991). Reflete-se em relação ao que estes jovens buscam realizar e o que podem viver de fato para que se divirtam de fato, sem causar danos sociais e humanos.

Segundo Formiga, Ayroza e Dias (2005), um hábito de lazer corresponde geralmente ao que o sujeito aprendeu e aprendeu durante o seu desenvolvimento com os pares de iguais ou pares socionormativos (pais, professores, etc.), passando a repeti-lo e levando ao costume, por exemplo: o gosto pela leitura, as práticas religiosas, a participação em festas, etc. Esses hábitos devem levar o jovem a uma busca de equilíbrio entre o fazer e o pensar da prática do repouso e relações sociais, mas, antes de tudo, se deve apresentar como atitudes favoráveis frente mais ao SER do que ao TER (Marcelino, 2000). É claro que esses hábitos não devem ser compreendidos em termos de um determinismo comportamental, pois não somente o contexto (Myers, 1999), mas, a própria relação que os sujeitos têm com seus os grupos e a orientação cultural que os mesmos possam assumir são capazes de influenciar seu comportamento, permeando uma perspectiva psicosocial.

Partindo dessas reflexões, observou-se que na literatura atual ainda não existe um instrumento capaz de avaliar as atividades dos hábitos ou tipos de lazer nos jovens. Apesar de muito se conhecer, teoricamente, a respeito deste tema no Brasil (Andrade, 2001;

Dumazedier, 1974/1999; Perreira, 1987; Requiá, 1974; Werneck, 2000), buscou-se, recentemente, com as combinações de palavras-chave: *lazer, hábitos e diversão* ou *adolescentes, hábitos e diversão* ou *lazer, escala e hábitos* (IndexPsi, 2009; Scielo, 2009) para aferir a existência de instrumentos sobre esse construto encontrando apenas um trabalho que embasa o presente estudo: a escala das atividades dos hábitos de lazer desenvolvido por Formiga et al. (2005).

A citada escala, desenvolvida por Formiga et al. (2005), foi composta por 24 itens que avaliam as atividades de lazer assumidas pelos jovens quando já cumpriram todas as atividades consideradas importantes e obrigatórias exigidas pela família, escola, etc. (por exemplo, ler livros, ler revistas, ir à igreja, navegar na internet, comprar roupas, etc.) e respondida numa escala de seis pontos, tipo *Likert*, com os extremos entre **0 = Nunca** a **5 = Sempre**.

A partir de uma análise dos componentes principais, Formiga et al. (2005) observaram a existência de três fatores, com eigenvalue superior a 1,00, explicando em seu conjunto 27,9% da variância total: O primeiro deles, descrito como *Hábito de Lazer Hedonista* (por exemplo, ir a shows, ao teatro, ao cinema, navegar na internet, etc.), apresenta uma consistência interna (α de Cronbach) de 0,80; o segundo fator, *Hábito Lúdico* (por exemplo, praticar esportes, assistir a programas de televisão; jogar vídeo games, jogos de ação ou aventura etc.), obteve um alfa de 0,65; e por fim, o terceiro, *Hábito Instrutivo* (por exemplo, ler livros; ler revistas; visitar familiares etc.), apresentou um alfa de 0,63.

Apesar do estudo de Formiga et al. (2005) apresentar uma garantia da consistência interna da escala das atividades dos hábitos de lazer, bem como, de sua correlação item-fator, ao considerar a *Análise Fatorial Exploratória (AFE)*, especificamente, a dos principais componentes (PC), existe um inconveniente: esta análise pauta-se estritamente nos dados obtidos e sua aleatoriedade não considerando um modelo teórico fixo que oriente a extração das dimensões latentes e muito menos seu poder de apresentar qualquer indicação sobre a bondade de ajuste do modelo.

As técnicas de modelagem estrutural têm a clara vantagem de levar em conta a teoria para definir os itens pertencentes a cada fator, bem como, apresentar indicadores de bondade de ajuste que permitem decidir objetivamente

sobre a validade de construto da medida analisada. Desta forma, dois resultados principais podem ser esperados ao trabalhar com essa análise: 1 – estimativa da magnitude dos efeitos estabelecida entre variáveis, as quais estão condicionadas ao fato de o modelo especificado (isto é, o diagrama) estar correto, e 2 – testar se o modelo é consistente com os dados observados, a partir dos indicadores estatísticos, podendo dizer que resultado, modelo e dados são plausíveis, embora não se possa afirmar que este é correto (Farias & Santos, 2000). Atende-se, assim, não a certeza total do modelo, mas a sua probabilidade sistemática na relação entre as variáveis e a perspectiva teórica assumida.

Um dos principais objetivos das técnicas multivariadas – neste caso, considera-se a modelagem de equação estrutural – é expandir a habilidade exploratória do pesquisador e a eficiência estatística e teórica no momento em que se quer provar a hipótese levantada no estudo. Apesar das técnicas estatísticas tradicionais compartilharem de limitações nas quais é possível examinar somente uma relação entre as variáveis, é de suma importância para o pesquisador o fato de ter relações simultâneas.

A fim de suprir esta necessidade, a Modelagem de Equação Estrutural examina uma série de relações de dependência simultâneas, esse método é particularmente útil quando uma variável dependente se torna independente em relações subsequentes de dependência (Silva, 2006; Hair, Tatham, Anderson, & Black, 2005). Com isso, o objetivo do presente estudo é o de avaliar de forma mais robusta, a partir de uma *Análise Fatorial Confirmatória (AFC)* e da análise do Modelo de Equação Estrutural (SEM) efetuado a partir do *AMOS GRAPHICS*, versão 7.0, a escala das atividades dos hábitos de lazer em jovens.

Para o presente estudo, optou-se por hipotetizar uma redução da escala, visto que se reconheceu, tanto a partir de uma avaliação analítica de juízes especializados, quanto da avaliação dos baixos escores fatoriais observados no estudo de Formiga et al (2005), que a exclusão de alguns itens, além de não ser tão comum para os jovens em cada contexto urbano estudado, não prejudicaria a qualidade psicométrica do instrumento. Tal condição permitiu a exclusão de alguns itens, permitindo com isso estabelecer apenas a permanência de 15 itens para a escala em questão.

Método

Amostra

O estudo foi composto por amostras de homens e mulheres, de escolas públicas e particulares do ensino fundamental e médio distribuídas em três cidades brasileiras: a primeira amostra, da cidade de João Pessoa-PB, foi composta por 310 sujeitos de 15 a 20 anos de idade; na segunda amostra, coletada na cidade de Palmas-TO, 345 sujeitos de 14 a 19 anos; a terceira amostra, da cidade de Porto Alegre-PR, foi composta por 350 jovens, de 12 a 18 anos. Esta amostra é não probabilística, pois se considerou a pessoa que, quando consultada, dispôs-se a colaborar em responder ao questionário apresentado.

Instrumento

Os participantes responderam a um instrumento que constava:

– Escala das Atividades de Hábitos de Lazer. *EAHL*. Elaborado originalmente em português por Formiga et al. (2005), o instrumento é composto por 24 itens que avaliam as atividades de lazer assumido por cada sujeito a respeito da sua ocupação quando não se está fazendo nada (por exemplo, ler livros, ler revistas, ir à igreja, navegar na internet, comprar roupas, etc.). Para respondê-lo, a pessoa deve ler cada item e indicar com que frequência ocupa seu tempo quando está sem fazer nada, depois de todas suas obrigações cumpridas, utilizando para tanto uma escala de seis pontos, tipo *Likert*, com os seguintes extremos: **0** = *Nunca* e **5** = *Sempre* (ver Anexo).

A escala revelou, a partir de uma análise exploratória, a existência de três fatores, explicando em seu conjunto 27,9% da variância total, sendo os seguintes: Instrutivo, Lúdico e Hedonismo. Os indicadores de consistência interna estiveram, respectivamente, entre 0,63 a 0,80. Uma folha separada foi anexada ao instrumento onde eram solicitadas informações de caráter sociodemográfico (por exemplo, idade, sexo, estado civil e classe social).

Procedimento

Esta etapa consistiu em aplicar a *escala de atividades de hábitos de lazer* coletivamente em sala de aula. Desta forma, colaboradores com experiência ficaram responsáveis pela coleta dos dados, os quais se apresentavam em sala de aula como interessados em conhecer as opiniões e os comportamentos das pessoas

sobre seus hábitos de lazer no dia a dia. Com isso, era solicitada a colaboração voluntária dos estudantes no sentido de responderem a um questionário breve. Foi-lhes dito que não havia resposta certa ou errada e que respondessem individualmente, a todos era assegurado o anonimato das suas respostas, que seriam tratadas em seu conjunto. Apesar de o questionário ser autoaplicável, contando com as instruções necessárias para que pudessem ser respondidos, os colaboradores na aplicação estiveram presentes durante toda a aplicação para retirar eventuais dúvidas ou realizar esclarecimentos que se fizessem indispensáveis. Um tempo médio de 25 minutos foi suficiente para concluir essa atividade.

Quanto à análise dos dados, tomando com base o estudo de Formiga et al. (2005), a partir da análise exploratória realizada por esses autores, realizou-se uma análise fatorial confirmatória, pretendendo testar a adequação do modelo multidimensional já encontrada. Considerou-se como entrada a matriz de covariâncias, tendo sido adotado o estimador *ML* (*Maximum Likelihood*).

Este tipo de análise estatística é mais criterioso e rigoroso do que o anterior – Principais Componentes – (*PC*) utilizado no primeiro estudo (Formiga et al., 2005), isto permite testar, diretamente, uma estrutura teórica a que se propõe neste estudo. Esta análise apresenta alguns índices que permitem avaliar a qualidade de ajuste do modelo proposto (Bilich, Silva & Ramos, 2006; Byrne, 1989; Hair et al., 2005; Kelloway, 1998; Tabachnick & Fidell, 1996; Van De Vijver & Leung, 1997), por exemplo:

- O χ^2 (qui-quadrado) testa a probabilidade de o modelo teórico se ajustar aos dados; quanto maior este valor, pior o ajustamento. Este tem sido pouco empregado na literatura, sendo mais comum considerar sua razão em relação aos graus de liberdade ($\chi^2/g.l.$). Neste caso, valores até 3 indicam um ajustamento adequado.

- O *Goodness-of-Fit Index* (*GFI*) e o *Adjusted Goodness-of-Fit Index* (*AGFI*) são análogos ao R^2 em regressão múltipla. Portanto, indicam a proporção de variância-covariância nos dados explicada pelo modelo. Estes variam de 0 a 1, com valores na casa dos 0,80 e 0,90, ou superior, indicando um ajustamento satisfatório (Hair et al., 2005; Bilich et al., 2006).

- A *Root-Mean-Square Error of Approximation (RMSEA)*, com seu intervalo de confiança de 90% (*IC90%*), é considerado um indicador de “maldade” de ajuste, isto é, valores altos indicam um modelo não ajustado. Assume-se como ideal que o *RMSEA* se situe entre 0,05 e 0,08, aceitando-se valores de até 0,10 (Garson, 2003; Kelloway, 1998).

- O *Comparative Fit Index (CFI)* – compara de forma geral o modelo estimado e o modelo nulo, considerando valores mais próximos de um como indicadores de ajustamento satisfatório (Hair et al., 2005; Bilich et al., 2006).

- O *Expected Cross-Validation Index (ECVI)* e o *Consistent Akaike Information Criterion (CAIC)* são indicadores geralmente empregados para avaliar a adequação de um modelo determinado em relação a outro. Valores baixos do *ECVI* e *CAIC* expressam o modelo com melhor ajuste (Hair et al., 2005; Bilich et al., 2006).

Resultados e discussão

Considerando a análise exploratória dos componentes principais realizada por Formiga et al. (2005), a partir da qual foram identificados três fatores para a escala em questão, a título de lembrança: o primeiro fator, hábitos de lazer de *Hedonismo* (diz respeito aos hábitos de consumo que enfatizam o prazer individual e imediato como único bem possível do indivíduo) apresentou um alfa (α) de Cronbach de 0,80; o segundo hábito de lazer *Lúdico* (diz respeito à utilização de jogos, brinquedos, passeio e divertimentos em geral, apresentando um caráter instrumental do lazer) obteve um alfa de 0,65, e por fim, o hábito de lazer *Instrutivo* (ênfata a experiência de aperfeiçoamento e crescimento desenvolvido pelos sujeitos tornando-os capazes de certas escolhas de lazer diferenciadas e exclusivas para eles, como também, de poderem assumir uma atividade quanto à transmissão, à habilitação e ao ensino de conhecimentos) apresentou um alfa de 0,63.

Com base no estudo desses autores, procurou-se avaliar com maior rigor e critério psicométrico a Escala das Atividades de Hábitos de Lazer em diferentes cidades brasileiras (João Pessoa-PB, Palmas-TO e Porto Alegre-RS). Para isso, empregou-se o pacote estatístico AMOS 7.0 realizando uma análise fatorial confirmatória hipotetizando tanto o

modelo multifatorial encontrado por Formiga et al. (2005) quanto aos modelos alternativos (por exemplo, unifatorial e bifatorial) em relação ao modelo que se propunha corroborar. Visando a adequabilidade da escala, reavaliou-se a estrutura fatorial encontrada por Formiga et al. (2005) comparando a estrutura testada em relação a esses modelos.

Sendo assim, procurou-se testar uma estrutura fatorial da Escala das Atividades de Hábitos de Lazer considerando os seguintes modelos: (a) Modelo 1: unifatorial, em que todos os itens da atitude anômica apresentam saturação em um único fator; (b) Modelo 2: neste optou-se por avaliar a estrutura com dois fatores e c) Modelo 3: uma estrutura multifatorial proposto teoricamente e o que se espera encontrar. Optou-se por se deixarem livres as covariâncias (ϕ , ϕ) entre os fatores; os indicadores de qualidade de ajuste de cada modelo se mostraram próximos das recomendações apresentadas na literatura (Byrne, 1989; Tabachnick & Fidell, 1996; Van De Vijver & Leung, 1997).

De acordo com os resultados obtidos nestas análises, observados na tabela 1, é possível destacar que os melhores modelos para a Escala das Atividades de Hábitos de Lazer para cada amostra nas três cidades foi o modelo multifatorial, apresentando, especificamente, os seguintes indicadores de qualidade de ajuste: João Pessoa-PB apresentou uma razão $\chi^2/gf = 0,92$, $GFI = 0,98$, $AGFI = 0,97$, $CFI = 1,00$, $RMSEA (90\%IC) = 0,01$, $CAIC = 436,32$ e $ECVI = 0,55$; Palmas-TO foi de $\chi^2/gf = 1,17$, $GFI = 0,98$, $AGFI = 0,96$, $CFI = 0,99$, $RMSEA (90\%IC) = 0,02$, $CAIC = 441,06$ e $ECVI = 0,58$; por fim, Porto Alegre-RS foi $\chi^2/gf = 0,80$, $GFI = 0,99$, $AGFI = 0,97$, $CFI = 0,99$, $RMSEA (90\%IC) = 0,00$, $CAIC = 481,48$ e $ECVI = 0,33$ (ver tabela 1).

Uma prova adicional, realizada para as três amostras, para efeito de comprovação do modelo hipotetizado, é obtida ao se considerar a diferença do qui-quadrado deste modelo com aquele que é considerado o segundo melhor; assim, na primeira amostra (310 jovens da cidade de João Pessoa-PB) o *Modelo 3-Modelo 4* [$\Delta\chi^2_{\text{modelo3- modelo4}} (4) = 7,21$, $p < 0,001$], apresentando assim, um menor qui-quadrado; na segunda amostra (345 jovens da cidade de Palmas-TO), também, o *Modelo 3-Modelo 4* [$\Delta\chi^2_{\text{modelo3- modelo4}} (8) = 14,98$, $p < 0,001$], apresentando um menor qui-quadrado; resultados na mesma direção foram observados

para a terceira amostra (350 jovens da cidade de Porto Alegre-SC) onde o *Modelo 3-Modelo 4* [$\Delta\chi^2_{\text{modelo3-modelo4}}(2) = 27,25, p < 0,001$].

Neste sentido, assume-se o modelo multifatorial como o mais adequado, em todas as amostras, para representar as Atividades de Hábitos de Lazer assumidas por cada jovem a respeito da sua ocupação quando não se está fazendo mais nada e cumpriu todas as atividades exigidas seja pela família, escola, etc., estas atividades estão distribuídas em três dimensões: Instrutivo, Lúdico e Hedonismo.

Não se pretende apontar qual a amostra que apresenta o melhor resultado com a escala de hábitos de lazer, pois o interesse neste estudo era a análise de modelagem para avaliar a estrutura fatorial com diferentes amostras de jovens, visando à consistência estrutural da escala. Desta forma, apresentará a representação gráfica do modelo que resultou a melhor estrutura (solução padronizada). No contexto geral dos indicadores estatísticos, destacar-se-á a estrutura da amostra de Porto Alegre-RS, a qual, em comparação com as outras amostras, foi a que teve os melhores indicadores estatísticos.

Como é possível observar na figura 1, todas as saturações (Lambdas, λ) estão dentro do intervalo esperado $|0 - 1|$, denotando não haver problemas de estimação. Além disso, todas são estatisticamente diferentes de zero ($t > 1,96, p < 0,05$), corroborando os três fatores da Escala das Atividades de Hábitos de Lazer, em todas as três amostras.

Pretendeu-se com este estudo contribuir para a evidência psicométrica e estrutural da escala das atividades de hábitos de lazer para o contexto brasileiro a partir da análise confirmatória com base no estudo exploratório desenvolvido por Formiga et al. (2005). Desta forma, considerando a análise em questão, é possível descrever que a escala das atividades dos hábitos de lazer apresentou garantias de maior confiabilidade fatorial e evidências empíricas para sua aplicação e mensuração em outros contextos. Esta escala diz respeito à disposição que o jovem tem ao repetir uma atitude com fins de distração ou entretenimento, quando já cumpriu com todas as suas responsabilidades familiares ou não; disposições estas influenciadas sejam por ordem de alguém (pais ou responsáveis) ou por sua própria iniciativa.

Tabela 1: Comparação entre os modelos teóricos da estrutura fatorial da escala das atividades de hábitos de lazer em jovens em diferentes Estados brasileiros.

MODELOS	χ^2	gl	χ^2/gl	GFI	AGFI	CFI	RMSA (intervalo)	CAIC	ECVI
<u>AMOSTRA 1</u> (Jovens de João Pessoa-PB)									
Unifatorial	64,09	47	1,36	0,97	0,93	0,98	0,03 (0,01-0,05)	555,86	0,68
Bifatorial*	73,26	57	1,29	0,97	0,94	0,98	0,03 (0,00-0,05)	497,67	0,64
Bifatorial**	66,29	60	1,10	0,97	0,94	0,98	0,02 (0,00-0,04)	470,48	0,60
Multifatorial	59,08	64	0,92	0,98	0,97	1,00	0,01 (0,00-0,03)	436,32	0,55
<u>AMOSTRA 2</u> (Jovens de Palmas-TO)									
Unifatorial	54,81	48	1,14	0,97	0,94	0,99	0,02 (0,01-0,04)	539,84	0,64
Bifatorial*	63,04	59	1,07	0,97	0,95	0,99	0,02 (0,00-0,4)	473,95	0,60
Bifatorial**	62,31	58	1,20	0,97	0,95	0,99	0,02 (0,00-0,04)	479,97	0,61
Multifatorial	77,29	66	1,17	0,98	0,96	0,99	0,02 (0,00-0,04)	441,06	0,58
<u>AMOSTRA 3</u> (Jovens de Porto Alegre-RS)									
Unifatorial	75,33	62	1,22	0,98	0,96	0,98	0,02 (0,00-0,04)	496,88	0,38
Bifatorial*	76,79	62	1,24	0,98	0,96	0,97	0,02 (0,01-0,05)	495,93	0,38
Bifatorial**	75,14	62	1,21	0,98	0,96	0,98	0,02 (0,01-0,04)	494,28	0,38
Multifatorial	47,89	60	0,80	0,99	0,97	0,99	0,00 (0,00-0,02)	481,48	0,33

Notas: * União do fator hedonista e lúdico em um único fator; ** União do fator lúdico e instrutivo em um único fator.

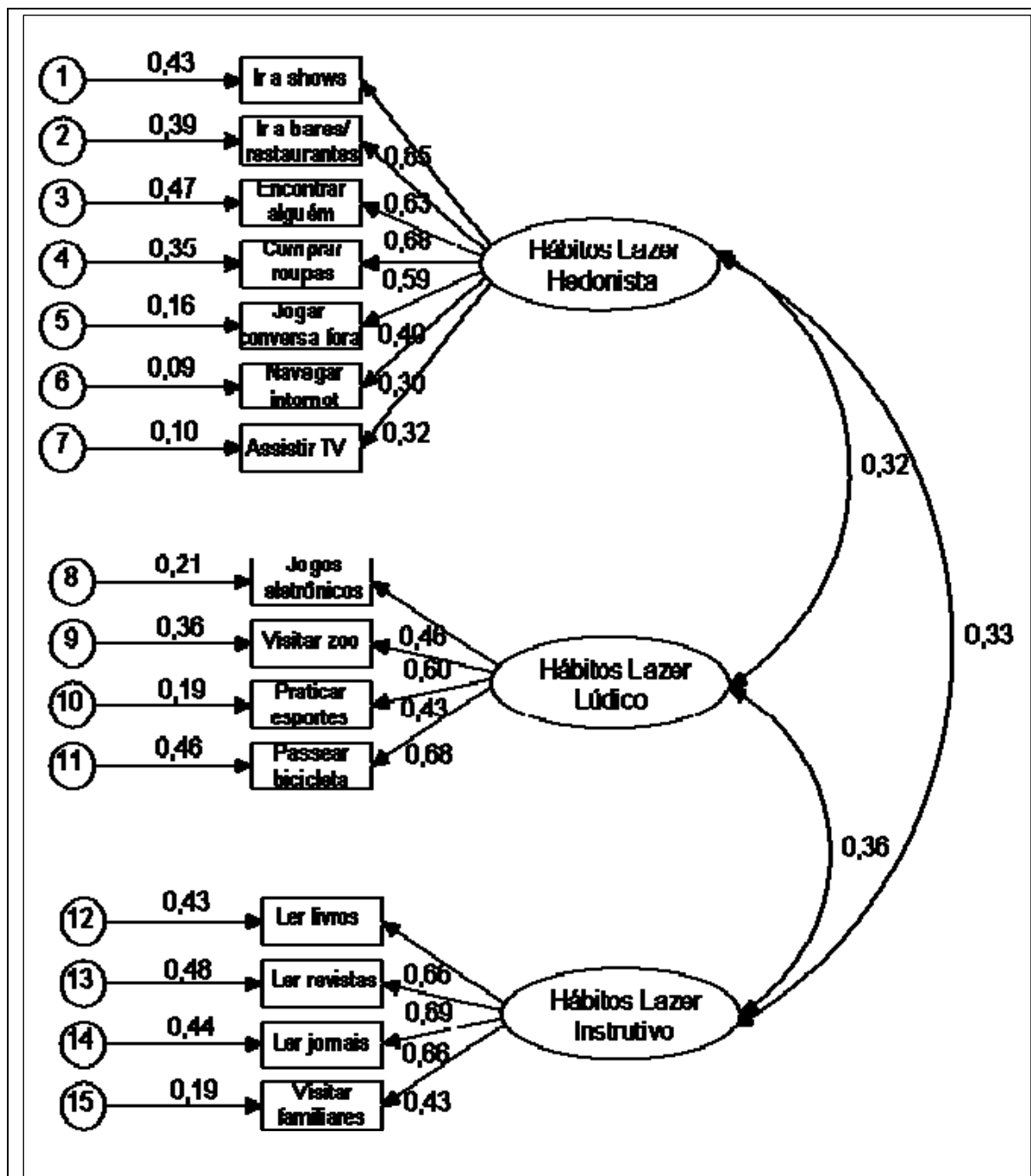


Figura 1: Estrutura Fatorial das Atividades de Hábitos de Lazer em jovens.

Representada por três fatores, de acordo com o que teoricamente propôs Formiga et al. (2005), no presente estudo garantiu-se uma versão reduzida, mostrando-se adequada aos itens reduzidos com seus respectivos fatores, não contradizendo o conceito sobre as atividades de lazer de cada fator e associação com seus itens, bem como não causando prejuízo na organização item-fator da escala. Desta forma:

– Hedonismo: refere-se aos hábitos que assumem uma característica de consumo, enfatizando prazer individual e imediato como único bem possível do indivíduo para que alcance, unicamente, seu próprio prazer, composto pelos hábitos navegar na internet, ir a shows, teatro, etc., encontrar-se com alguém (paquera, amigos, etc.), ir a bares, a boates ou a restaurantes, assistir a programas de televisão, comprar roupas, jogar conversa fora, contar piadas, etc.

– **Lúdico:** diz respeito à utilização de jogos, passeios e divertimentos em geral, apresentando um caráter instrumental do hábito, isto é, trata-se de um agir da diversão, podendo ser experimentado sozinho ou em grupo, o qual também pode ser capaz de gerar uma socialização com outros quando vivido sozinho, por exemplo, ao jogar qualquer esporte ou passear de bicicleta o jovem poderá, nesse contexto, se relacionar com outras pessoas; composto pelos hábitos passear de bicicleta, patins, skate, etc., jogar vídeo game ou jogos de ação e aventura, praticar esportes (basquete, futebol, voleibol, etc), ir ao jardim zoológico, reservas ecológicas, etc.

– **Instrutivo:** enfatizando a experiência de aperfeiçoamento e crescimento desenvolvido pelos sujeitos e tornando-os capazes de escolhas de lazer diferenciadas e exclusivas para eles, assumindo uma atividade quanto a transmissão, habilitação e ensino de conhecimentos de forma que conduza a debates e discussões frente ao saber intelectual e de relação social e histórica familiar, formado pelos hábitos ler livros, ler jornais, ler revistas, visitar familiares.

A estrutura fatorial encontrada, além de consistência, revelou-se adequada, diferenciando-se da análise original encontrada por Formiga et al. (2005), principalmente, quando se consideram os indicadores comumente tidos em conta para provar o modelo proposto: χ^2/gl , GFI, AGFI, CFI, RMSEA, CAIC e ECVI (ver tabela 1). Estes indicadores, por sua vez, foram satisfatórios, estando em intervalos que têm sido considerados aceitáveis pela literatura vigente (Byrne, 1989; Garson, 2003; Kelloway, 1998).

Por apresentar uma redução dos itens, em comparação ao estudo de Formiga et al. (2005), não se pode considerar um problema, muito menos, será um limite na corroboração da escala. O fato é que tal condição, não somente contribuiu para uma melhoria estrutural da escala – apresentando maior especificidade e indexação entre os itens e seu fator no que diz respeito à importância que o jovem atribui às atitudes que os entretêm quando se cumpriu com as responsabilidades familiares, escolares ou profissionais, mas também, por considerar uma economia de material e tempo – como também representou uma facilidade na aplicação e conforto para os respondentes no momento de indicar suas respostas.

Outro detalhe é quanto à corroboração da

escala em outros contextos sociais nos Estados brasileiros em que foi aplicada a escala. Apesar de reforçar a consistência do construto, bem como, a perspectiva teórica aqui adotada, ao comparar os resultados dessas análises para as três amostras, pode-se destacar que, para a escala dos hábitos de lazer, é possível afirmar que a melhor adequabilidade esteve para a amostra de Porto Alegre-RS em comparação com as amostras das outras cidades quanto aos indicadores estatísticos. É possível que o sentido desses indicadores possa ser enfatizado na condição social e microcultural de cada região.

Conclusão

Considerando os indicadores de bondade de ajuste, houve evidência da validade estrutural e de sua consistência interna da escala avaliada justificando seu emprego no contexto brasileiro para pesquisar acerca de variáveis antecedentes e consequentes das atividades dos hábitos de lazer. A garantia psicométrica através da equação de modelagem estrutural, além tornar este instrumento acurado em sua mensuração temporal, o fez também, considerando a perspectiva geopolítica em diferentes períodos em que os hábitos de lazer podem ser reconhecidos em outros contextos brasileiros.

Espera-se que os objetivos deste estudo tenham sido cumpridos, principalmente no que diz respeito à sua consistência interna e validade estrutural do instrumento analisado, podendo empregá-lo em áreas de estudo que cooperam com a psicologia, por exemplo: educação, sociologia, colônias de férias, assistência social, etc. Contudo, é bom destacar, quando for considerar os resultados deste estudo em outros contextos sociais, que é necessário ter em conta os aspectos mais específicos ou universais de cada cultura na avaliação dessas escalas quando se pretender adaptá-las.

Por um lado, é importante considerar as dimensões locais, específicas ou exclusivas (emics) da orientação de cada cultura, bem como, e não menos importante, avaliar as dimensões universais (etics) da Cultura, com o objetivo de comparar os construtos estudados aqui para outro espaço geopolítico e social (Muenjohn & Armstrong, 2007; Triandis et al., 1993; Triandis, 1995; Van De Vijver & Leung, 1997).

Esse fato aponta para a seguinte direção: conhecer os aspectos que podem ser comuns a todas as culturas e aqueles que são específicos, contribuindo para consolidar um marco teórico dos hábitos de lazer, já que não é possível encontrar os mesmos tipos e dedicação a diversão enfatizada no presente estudo. Por fim, quanto ao que fazer no futuro em relação a essa escala? Pretende-se reunir evidências adicionais de sua validade e precisão intra, inter e panculturais, por exemplo: avaliar sua validade de critério ou convergente em relação a construtos correlatos, bem como, conhecer sua estabilidade temporal (teste-reteste), comparando com os resultados que podem ser indicados por outros autores; assim, a replicabilidade do presente estudo, deveria ser prioridade, considerando-se amostras maiores e mais diversificadas quanto às características dos participantes, incluindo também jovens de diferentes contextos socioculturais e econômicos.

Referências

- Andrade, J. V. (2001). Os consumidores do lazer. In J. V. Andrade (Org.), *Lazer: Princípios, tipos e formas na vida e no trabalho* (pp. 127-138). Belo Horizonte: Autêntica.
- Argyle, M. (1991). Leisure. In M. Argyle (Org.), *The social psychology of everyday life*. (pp. 103-130). New York, NY: Routledge.
- Bilich, F., Silva, R., & Ramos, P. (2006). Análise de flexibilidade em economia da informação: modelagem de equações estruturais. *Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação*, 3(2), 93-122.
- Byrne, B. M. (1989). *A primer of LISREL: Basic applications and programming for confirmatory factor analytic models*. New York: Springer-Verlag.
- Dumazedier, J. (1974/1999). *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva.
- Farias, S. A., & Santos, R. C. (2000). Modelagem de Equações Estruturais e Satisfação do Consumidor: uma Investigação Teórica e Prática. *Revista de Administração Contemporânea*, 4(3), 107-132.
- Formiga, N. S.; Ayroza, I. & Dias, L. (2005). Escala das atividades de hábitos de lazer: Construção e validação em jovens. *Revista de Psicologia da Vetor*, 6(2), 71-79.
- Garson, G. D. (2003). *PA 765 Statnotes: An online textbook*. Recuperado em 29 de Outubro de 2009, de <http://www2.chass.ncsu.edu/garson/pa765/statnote.htm>
- Hair, J. F., Tatham, R. L., Anderson, R. E., & Black, W. (2005). *Análise Multivariada de Dados*. Porto Alegre: Bookman.
- IndexPsi. (2009). *Adolescentes, hábitos e diversão*. Recuperado em 28 de Outubro de 2009, de <http://www.scielo.br>
- Kelloway, E. K. (1998). *Using LISREL for structural equation modeling: A researcher's guide*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Leite, C. B. (1995). *O século do lazer*. São Paulo: LTr.
- Marcelino, N. C. (2000). *Lazer e humanização* (3ª. Ed.). Campinas, SP: Papyrus.
- Muenjohn, N., & Armstrong, A. (2007). Transformational Leadership: The Influence of Culture on the Leadership Behaviours of Expatriate Managers. *International Journal of Business and Information*, 2(2), 265-283.
- Myers, D. (1999). O eu no contexto social. In D. Myers (Org.), *Psicologia social*. (pp. 22-37). Rio de Janeiro: LTC.
- Perreira, J. V. (1987). Perspectivas do tempo livre para o lazer no Brasil. *Boletim de Intercâmbio*, 6(32), 39-55.
- Requixá, R. (1974). Características e funções do lazer. *Boletim bibliográfico do sesc*, 4, 31-34.
- SciELO. (2009). *Lazer, hábitos e diversão*. Recuperado em 15 de Setembro de 2009, de <http://www.scielo.br>
- Silva, J. S. F. (2006). Modelagem de Equações Estruturais: Apresentação de uma metodologia. Dissertação de Mestrado em Engenharia de Produção, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (1996). *Using multivariate statistics*. Needham Heights, MA: Allyn & Bacon.

- Triandis, H. C. (1995). *Individualism and collectivism*. Boulder, CO: Westview Press.
- Triandis, H. C., McCusker, C., Betancourt, H., Iwao, S., Leung, K., Salazar, J. M., et al. (1993). An etic-emic analysis of individualism and collectivism. *Journal of cross-cultural psychology*, 24(3), 366-383.
- Van De Vijver, F., & Leung, K. (1997). *Methods and data analysis for cross-cultural research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

- Werneck, C. (2000). Questões contemporâneas. Significados e relações constituídas entre o lazer e a recreação no Brasil. In C. Werneck (Org.), *Lazer, trabalho e educação: Relações históricas, questões contemporâneas* (pp. 80-126). Belo Horizonte: UFMG.

Enviado em 8 de Março de 2010
Texto reformulado em 18 de Fevereiro de 2011
Aceite em 10 de Março de 2011
Publicado em 31 de Dezembro de 2011

Anexo

Considere as frases abaixo e indique com que frequência você ocupa seu horário de lazer, isto é, o tempo livre que tens quando você já cumpriu todas as atividades exigidas pela família, responsáveis ou escola. Para isso, circule ou marque com um **X** na escala de resposta ao lado de cada frase.

Hábitos Hedonistas

1. Assistir a programas de televisão.	Nunca	0	1	2	3	4	5	Sempre
2. Ir a bares, boates ou restaurantes.	Nunca	0	1	2	3	4	5	Sempre
3. Encontrar-se com alguém (paquera, amigos, etc.).	Nunca	0	1	2	3	4	5	Sempre
4. Jogar conversa fora, contar piadas, etc.	Nunca	0	1	2	3	4	5	Sempre
5. Comprar roupas.	Nunca	0	1	2	3	4	5	Sempre
6. Navegar na <i>internet</i> (Orkut, MSN, etc.).	Nunca	0	1	2	3	4	5	Sempre
7. Ir a Shows, teatro, etc.	Nunca	0	1	2	3	4	5	Sempre

Hábitos Lúdicos

8. Passear de bicicleta, patins, skate, etc.	Nunca	0	1	2	3	4	5	Sempre
9. Jogar vídeo game ou jogos de ação e aventura.	Nunca	0	1	2	3	4	5	Sempre
10. Praticar esportes (basquete, futebol, voleibol, etc).	Nunca	0	1	2	3	4	5	Sempre
11. Ir ao jardim zoológico, reservas ecológicas, etc.	Nunca	0	1	2	3	4	5	Sempre

Hábitos Instrutivos

12. Ler livros.	Nunca	0	1	2	3	4	5	Sempre
13. Ler jornais.	Nunca	0	1	2	3	4	5	Sempre
14. Ler revistas.	Nunca	0	1	2	3	4	5	Sempre
15. Visitar familiares.	Nunca	0	1	2	3	4	5	Sempre